

ANÁLISES

Uma festa do Patrimônio em Campinas

Roberto Machado Carvalho

Como coroamento de um processo que durou mais de dez anos, a Catedral Nossa Senhora da Conceição, de Campinas - uma das mais valiosas obras de entalhe em madeira do mundo - foi inscrita no livro do Tombo dos Bens Culturais do Estado de São Paulo, pelo Conselho do Patrimônio estadual - CONDEPHAAT. A partir de agora, é obrigação do poder público, preservar o monumento histórico e sacro da tradicional e importante cidade paulista. O momento é bem oportuno; mais dois anos e meio, aquele tempo religioso estará completando duzentos anos de sua inauguração; a construção foi palco de diversos acontecimentos, inseridos na história da cidade. A primeira notícia é de 1807 - Campinas ainda era uma vila - isto é, quase oitenta anos antes, quando o Capitão Felipe Neri Teixeira solicitou ao Bispo da Capitania a ereção de uma Igreja mais condizente com a riqueza do lugar. Nos primeiros tempos, os proprietários de engenho e comerciantes - Campinas era um importante centro canavieiro exportador - forneceram os recursos necessários ao fincamento dos alicerces, toda em taipa de pilão, isto é, barro socado em fôrmas especiais. Mais tarde, alguns capitalistas e a própria população branca e escrava, ajudavam as obras.

Foi em 1853, que o rico empreiteiro português Antônio Francisco Guimarães, alcunhado de "Bahia", impressionado com o que viu na "boa terra", contratou os serviços do escultor barroco Vitoriano dos Anjos Figueiroa e mais alguns artesãos, para a decoração interna do templo campineiro. O principal trabalho - durou nove anos, até 1862 - foi o entalhamento em madeira maciça, executado no altar-mór. O que chama mais a atenção é a serie de plataformas circulares, apoiadas umas nas outras por frontais, que se erguem em forma de piramidal, tendo no alto, duas coroas; também as rendas em madeira das sacadas internas, da varanda do coro e dos púlpitos, deixa o visitante com ares perplexos. Quase ao mesmo tempo, o artista Bernardino de Sena Reis e Almeida fazia o trabalho de talha dos altares laterais e das capelas.

Em 1879, o famoso arquiteto Ramos de Azevedo - o mesmo autor do frontispício da Matriz de Itu - passa a dirigir as obras de acabamento da Catedral de Campinas, utilizando a técnica tradicional, isto é, reforço das paredes e construção da torre em taipa de pilão. A coluna jônica, o frontão triangular, os anjos e profetas nas platibandas, lembram o estilo neo-clássico, em moda na época.

Cumpre-se assim, mais uma etapa da preservação de um monumento histórico e artístico, premiando agora a cidade de Campinas. A solenidade do tombamento foi realizada dia 30 de maio pp. e contou com a presença de autoridades, representantes de entidades culturais e populares. Deve-se ressaltar o esforço diuturno para o feliz desfecho do processo, do historiador e museólogo Celso Maria de Mello Pupo, diretor do Museu de Arte Sacra de Campinas e de D^a Lucia Pizza Figueira de Mello Falkenberg, representante da Secretaria da Cultura no CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.